

Mutações no espaço público contemporâneo*

Mauro Wilton de Souza**

Elizabeth Saad Corrêa (orgs.)***

As relações entre as comunidades e a sociedade contemporânea

Carlos Jacinto Nascimento Motta****

A publicação do livro *Mutações no espaço público contemporâneo* ocorreu cinco anos após a realização de um seminário, com o mesmo nome, organizado pela Escola de Comunicação e Artes da USP (ECA-USP), em 2009. A proposta do seminário girou em torno da ideia de que a comunicação se configura como espaço privilegiado para a catalisação de uma realidade que se configura cada vez mais como sendo *líquida*, o que faz com que os grandes sistemas de ideias se mostrem inadequados para dar conta das profundas transformações que temos presenciado em todos os campos da existência humana contemporânea. Todos os textos que compõem essa coletânea foram produzidos a partir do seminário e procuram abordar, de modo diversificado, os conceitos de *espaço público* e de *esfera pública*.

De acordo com a Apresentação dos organizadores, “[...] o espaço público e a esfera pública surgem como arena atemporal e necessária para compreendermos e reconfigurarmos o *locus* do coletivo, da deliberação democrática e dos processos políticos que envolvem o conjunto social para além dos indivíduos” (p. 9). Assim, o livro traz o pensamento de Jürgen Habermas e sua teoria acerca do espaço público articulados com as ideias de Zygmund Bauman e sua concepção de “realidade líquida”, o que resulta em uma *esfera pública líquida* (p. 10). Ainda segundo os organizadores, vivemos em um momento no qual “público e privado se encontram para um terreno híbrido de relações privadas num espaço público, e deliberações públicas definidas em campos quase totalmente privados” (p. 9). Ou seja, na

* São Paulo: Paulus, 2014. ISBN: 9788534937924

** Professor Sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Coorganizador do livro *Mutações do espaço público*, Paulus, 2015, juntamente com Elizabeth Saad Corrêa.

*** Professora Titular do Departamento de Jornalismo e Editoração – ECA-USP. Docente e pesquisadora nas áreas de comunicação digital e jornalismo digital. Enfatiza pesquisas e orientações nos segmentos de estratégia e negócios de informação digital; e na correlação entre a estratégia e o desenvolvimento de novas linguagens para conteúdos digitais. Foi Professora visitante em 2016 da Cátedra Unesco de Comunicação Internacional – Université Grenoble-Alpes, França.

**** Doutor em Filosofia pela PUC-SP. Foi professor de Filosofia da PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – de 2010 a 2015. Graduado em Filosofia pela Universidade Metodista de São Paulo (2000) e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2004).

contemporaneidade não se pode mais pensar em um espaço público homogêneo e único, e nenhum conceito sociológico ou filosófico parece esgotar todas as possibilidades e *espaços* públicos.

Some-se a toda essa efervescência a ideia apresentada por José L. A. Prado, no prefácio do livro, para quem a ação política que vem se constituindo nos últimos anos traz à tona uma multidão que antes simplesmente não tinha voz na superfície dominante em uma sociedade marcadamente econômica, que transforma tudo em mercadoria. Então, política é o nome da atividade que cria debate num espaço gestor, que se torna público. É o que Badiou chama de “acontecimento”, ruptura de *status quo*, nascimento de uma verdade para a qual poderão surgir sujeitos dispostos a construí-la. Então, como afirma Gabriel Cohn, “vivemos a emergência de novas forma de experiencia social” e a questão que permeia as reflexões dos autores dos textos é se ainda podemos falar de uma *razão comunicativa*, de acordo com Habermas.

Para tratar dos mais relevantes questionamentos ligados às questões das novas configurações do *espaço público* de modo a facilitar a compreensão dos leitores, o livro replica a organização do seminário do qual se origina e está dividido em quatro eixos:

- Eixo I, Mutações no espaço público contemporâneo;
- Eixo II, Esfera pública, identidade coletiva e inserção social;
- Eixo III, Média entre o espaço público político e social;
- Eixo IV, Espaço público, visibilidade midiática e cibercultura.

Cada um dos eixos compõe uma unidade temática e apresenta ensaios e artigos que procuram não apenas oferecer fundamentos teóricos e práticos para o entendimento das questões, mas também subsídios para alimentar debates qualificados correlatos ao tema.

No Eixo I, encontramos dois ensaios: “Sete considerações fundamentais sobre o espaço público” e “Em diálogo com Bernard Miège”. Ambos são reproduções das falas proferidas no seminário de abertura e têm a fluidez da fala, o que facilita a leitura e compreensão das ideias apresentadas. No primeiro texto, Bernard Miège apresenta suas sete considerações por meio da formulação de sete questões seguidas de resposta. A resposta à primeira delas, *Podemos identificar várias aproximações do espaço público?*, já indica o tom e a profundidade pretendidos por Miège em sua discussão: por meio de referenciais filosóficos que vão dos gregos antigos, passando por Kant e Stuart Mill, e chegando a Arendt e Habermas, o autor discute criticamente a linguagem, a imprensa, a canalização dos debates dos espaços públicos parciais em um espaço público político, entre outros temas. Merece destaque aqui que Habermas é criticado por sua opção de tratar sempre de interlocuções e não de inter-subjetividades, talvez já antecipando a chamada *crise do sujeito* e as questões referentes à subjetividade.

O segundo texto, assinado por Gabriel Cohn e intitulado “Em diálogo com Bernard Miège”, reproduz o debate apresentado no seminário e é uma espécie de contraponto, não necessariamente antitético, às ideias presentes no primeiro texto. Dentre as inúmeras afirmações relevantes, Cohn evidencia que, para Miège, o espaço público é visto apenas como problema, e não como solução. Por isso, não são apresentadas soluções, mesmo que o es-

paço público ainda deva ser construído. E o fato de não haver uma clara distinção entre as inúmeras dimensões privadas e singulares de espaço público e uma dimensão geral e comum, plural e diferenciada leva Cohn a perguntar se existe mesmo um *objeto* chamado espaço público – pergunta deve ser respondida antes de analisar suas possíveis mutações.

No Eixo II, composto também por dois textos, encontramos Cicilia M. K. Peruzzo falando da “Comunicação nos movimentos sociais: uma nova perspectiva de direitos humanos”. A autora apresenta suas ideias partindo uma definição geral do que são movimentos sociais e suas especificidades, salientando que trata apenas dos chamados movimentos populares. A comunicação, no âmbito de tais movimentos, tem importante função mobilizadora, e desde que o *Fórum social mundial* passou a usar a internet como meio de divulgação, articulação e mobilização, outros movimentos passaram a explorar ferramentas tecnológicas de comunicação como forma de empoderamento, o que explicaria a rápida ascensão do MST, por exemplo. A autora termina explorando a ideia de que a comunicação é um direito humano e deve estar articulada com uma educação capaz de fazer cumprir esse direito por meio da qualificação e integração das pessoas, nas mais diversas comunidades.

Já o segundo texto, “Representação política de atores cívicos e esfera pública”, de Roseli C. M. Maia, traz uma espécie de continuidade do texto anterior, mas com enfoque nos grupos ou sujeitos que de alguma forma não estão enquadrados nos grupos sociais clássicos. Para a autora, esses sujeitos têm grande carência de participação política e pública, uma vez que têm sofrido muitas formas de discriminação social, política e legal, como é o caso dos LGBT e outros grupos “minoritários”. Para eles, resta apenas a representação como saída e luta por reconhecimento e igualdade. Sem se limitar à representação eleitoral, a autora afirma que “líderes de movimentos sociais, advogados em prol de certas causas e empreendedores morais são essenciais para *traduzir problemas*, para *construir processos de união entre cidadãos*, para *sustentar o debate* na esfera pública e *exercer influência* nos corpos políticos institucionalizados” (p. 91). Estes são modos de representação informal e devem ser institucionalizados para que seus objetivos possam ser alcançados plenamente, tanto nas suas dimensões internas quanto nas externas.

O Eixo III é composto por quatro artigos que giram em torno das articulações entre espaço público e formação da opinião pública. O primeiro deles, “Análise dos processos de formação da opinião política em face da mídia, nas eleições de 2008, em Catalão, Goiás”, de Luiz A. Signates Freitas, apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa levada a cabo pelo autor e financiada por um instituto de sua propriedade. Usando como metodologia o acompanhamento de algumas famílias escolhidas segundo critérios objetivos, o autor procurou descobrir como se dá o processo de formação de opinião política a partir dos conteúdos apresentados pela televisão. Utilizando amplo e consistente referencial bibliográfico, o autor apresenta os resultados de sua pesquisa e discute o papel da televisão, seu alcance e limitação na mudança de opinião política.

O segundo artigo, “O processo discursivo de formação da opinião pública”, de Heloisa H. Matos e Nobre, traz uma sólida definição do conceito de opinião pública alicerçada em teóricos de referência para a área da Comunicação e termina com a afirmação de que a

formação da opinião pública depende intrinsecamente das relações comunicativas estabelecidas nas diversas esferas públicas parciais e seus fluxos comunicativos cotidianos.

O terceiro artigo, “*Media* entre o espaço público político e o social”, de Eugênio Bucci, apresenta uma abordagem inicialmente histórica, na qual o autor explora a constituição da esfera pública na ágora grega antiga e sua reformulação “final” no movimento de consolidação do modo de vida (econômico, financeiro, cultural etc.) do sistema capitalista, que tem na ideia de *metamercado* uma chave interpretativa para a compreensão das diversas relações de troca (inclusive comunicação) entre os sujeitos. Mantendo também o foco em Habermas, o autor observa que, para aqueles que viam as tecnologias da comunicação que emergem nas últimas décadas como o elemento que levaria a termo o projeto de emancipação iluminista do homem, o momento agora é de reconsideração, pois o homem não parece estar se emancipando – ao contrário, parece estar ainda mais tutelado pelas forças dominantes, inclusive as midiáticas.

O quarto artigo, “Dinâmicas e estruturas da esfera pública contemporânea – A esfera pública”, além da deliberação pública, de Wilson Gomes, começa com uma dupla definição de esfera pública, sendo a primeira o domínio da opinião pública, ou mercado de ideias, e a segunda a condição geral de que se revestem as ideias que dizem respeito à vida pública moderna, ou a visibilidade social alargada que a democracia moderna tanto demanda (p. 177). Evidenciando o modo de vida burguês como paradigma social contemporâneo, o autor chama a atenção para muitos problemas cotidianos e destaca que vivemos uma era de fabricação de problemas sociais: “é um problema social qualquer situação que venha a ser definida como tal *nas arenas do discurso público e da ação pública*, em outras palavras, na esfera pública” (p. 191). Os processos de definição coletiva dos problemas são as questões-chave para a compreensão do que de fato produz a esfera da visibilidade pública, e esta parece ser a mais interessante contribuição de Gomes para o debate proposto pelo livro.

O IV e último Eixo, chamado *Espaço público, visibilidade mediática e cibercultura*, é composto por três artigos. O primeiro deles, “Nem público nem privado: o determinismo das práticas de redes sociais na configuração de um ciberespaço híbrido”, de Elizabeth S. Corrêa, faz uma avaliação bastante abrangente e profunda das redes sociais e seu papel na configuração do ciberespaço como espaço público, além da esfera privada, é claro. Após apresentar as definições dos conceitos relacionados ao tema, a autora passa a tratar das questões mais relevantes que emergem das relações sociais no ciberespaço, como a identidade dos sujeitos envolvidos, a ideia do que é participação, contribuição e repercussão, com destaque para o caráter mutante e permeável dos ambientes e das redes sociais. E não é possível pensar estas questões sem considerar o caráter híbrido do ciberespaço, ou seja, sua característica de ser a junção das esferas pública e privada.

O segundo artigo, “Obliteração estrutural da esfera pública no ciberespaço”, de Eugênio R. Trivinho, traz a visão de Habermas aplicada à compreensão do *cyberspace*. Segundo Trivinho, no *cyberspace* “pessoas comuns, longe da missão do trabalho e a título de livre expressão do pensamento, providas ou não de interesses inconfessos, põem-se em contexto público, sob o usufruto da democracia como valor universal” (p. 238). E

ainda segundo o autor, esse pôr-se a público não parece estar vinculado a qualquer tipo de preocupação com a natureza privada ou pública das situações vivenciadas e compartilhadas. Com isso entram em cena problemas típicos da cena pública, como promoção e autopromoção, evidentes a todos por meio de canais do YouTube, por exemplo; o compartilhamento de saberes, por meio de perguntas e respostas, como presentes nos fóruns, por exemplo; e a esfera pública da discussão, quase sempre rasteira e apressada. Tudo isso assume um caráter ritualístico e previsível, sem contribuir decisivamente para o aprimoramento democrático tão reverenciado.

O terceiro e último artigo, “O pertencimento e o espaço público nas práticas de comunicação mediática”, de Mauro W. Souza, traz uma discussão relacionada ao protagonismo, à inclusão e à participação social nas relações entre as comunidades e a sociedade contemporânea globalizada. O foco do autor está na ideia de comunicação mediada por dispositivos eletrônicos e as práticas de pertencimento, envolvendo os objetivos e a linguagem utilizada, o comum e o diverso nas relações sociais e as questões envolvendo as noções de igualdade e diversidade.

Por fim, o livro ora apresentado deve ser considerado uma fonte bastante rica de informações e questionamentos acerca da realidade contemporânea e a existência de um sujeito híbrido, habitante de um ambiente misto e em uma relação simbiótica entre o público e o privado. Sendo assim, a leitura agradará desde o estudante de Comunicação ou outra ciência social até o mais qualificado pesquisador de temas da Comunicação e das TIC's, pois oferece informações sob os mais variados vieses que o assunto apresenta. Também agradará o leitor que busca apenas se manter inteirado dos debates mais atualizados acerca das mudanças que nossa sociedade tem enfrentado, todos os dias. Boa leitura a todos.